

POR QUE FAÇO CAPOEIRA: PARADIGMAS INFANTIS SOBRE AS AULAS DE CAPOEIRA

Bruno Rodolfo Martins
brunorm@ufrj.br

MARTINS, Bruno Rodolfo. Por que faço capoeira: paradigmas infantis sobre as aulas de capoeira. In: SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA EEFD/UFRJ, 2., 2004, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: EEFD/UFRJ, 2004.

INTRODUÇÃO-RESUMO:

Por que faço capoeira? Esta foi a pergunta que instigou o início deste trabalho. Observando a adesão referente a algumas aulas de capoeira, foi despertado o interesse em descobrir os motivos que levam uma criança à prática desta arte. Toda ação intencional possui um motivo e, ao saber estes motivos, os que levam as crianças à prática, o professor poderia direcionar o planejamento de sua aula de forma mais eficaz, conjugando seus objetivos com os objetivos desse público. Observando as representações do esporte e do lazer na vida das crianças e dos jovens, que atravessam momentos de sedimentar valores e princípios capazes de influenciar suas opções de vida, a escolha pela capoeira pode ser um dado bastante interessante... principalmente para aqueles que pesquisam o assunto em questão. Assim, o objetivo principal desta pesquisa, que se encontra em desenvolvimento, é identificar a motivação das crianças ao procurarem a capoeira. Pretendemos verificar a adequação e a preocupação sobre este aspecto, pelos professores que oferecem a capoeira como atividade para um público infantil, suas respectivas turmas. Contudo, analisando tudo isto através dos paradigmas das crianças, considerando-as como peças-chaves deste processo. Os pequenos capoeiristas demonstrarão suas necessidades sendo atendidas ou não, e nos levando à conclusões sobre a aproximação e o afastamento das aulas de capoeira (ou seja, a adesão). Poderemos constatar paralelamente a preocupação daqueles que ministram as aulas (em seus planejamentos, por exemplo) com relação a este aspecto fundamental a qualquer atividade humana – a motivação. A coleta de dados está sendo elaborada através de entrevistas planejadas, com as crianças que estejam praticando, ou que já praticaram capoeira, em locais pré-escolhidos (atingindo distintas “classes sociais” e regiões da cidade), entre seis e dez anos de idade; somando aos relatos de experiência dos professores. A pesquisa está apoiada também por uma bibliografia referente ao tema. Com o término da pesquisa, pretendemos contribuir para a melhoria das aulas de capoeira. O professor adquirindo estes dados, poderia melhor planejar, adequar e direcionar suas aulas, de maneira mais coerente e de acordo com os objetivos de seus públicos-alvos - os pequenos capoeiristas.

SUMÁRIO

	Página
COMENTÁRIO GERAL	4
MOTIVAÇÃO: O MOTIVO DA AÇÃO	6
MOTIVAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA	7
MOTIVAÇÃO E INFÂNCIA	8
METODOLOGIA	
SOBRE A COLETA DE DADOS	12
SOBRE AS ENTREVISTAS	12
SOBRE O PÚBLICO-ALVO	13
RESULTADOS	
(TABELAS E QUADROS em anexo)	13
SOBRE AS METODOLOGIAS EMPREGADAS	
(COMENTÁRIOS DOS PROFESSORES)	14
DISCUSSÃO	
.A RESPEITO DAS RESPOSTAS	16
.A RESPEITO DOS OBJETIVOS DESTA PESQUISA	18
AGRADECIMENTOS	21
BIBLIOGRAFIA	22
ANEXO	25

COMENTÁRIO GERAL

Parece ser bastante interessante fazer uma análise sobre a capoeira num contexto educacional. Estaremos abordando nesta pesquisa a motivação nas aulas de capoeira, em turmas infantis.

Além de ser uma manifestação popular, que acompanha e se mescla à história do Brasil, pode o professor de Educação Física apropriar-se de sua cultura, afim de utilizá-la para catalisar e otimizar um processo pedagógico, servindo neste momento como mais uma alternativa para educação de qualquer indivíduo, mas especialmente para crianças na idade escolar.

Especificamente para o professor de capoeira, graduado ou não em Educação Física, que desconheça o que seja, literalmente, sua intervenção e a importância desta para criança, que este trabalho sirva como provocação – num âmbito que transcende o acadêmico – para a exaltação da capoeira, no seu aspecto didático-pedagógico.

Verifica-se aqui que a capoeira pode apresentar-se como opção para Educação Física, com objetivos bem amplos, uma perspectiva de educação através do movimento e que atinge a criança nos aspectos motor, afetivo e cognitivo de forma lúdica e recreativa.

Ela se faz assim, altamente significativa, num contexto educacional, pelos recursos que oferece e que podem ser explorados numa educação através do movimento, restando apenas serem bem aproveitados pelo professor.

A criança possui características psicológicas, motoras e cognitivas que merecem relevante atenção na prática docente. Portanto, os objetivos, os conteúdos e, sobretudo, as metodologias de um programa de capoeira para crianças, devem ser estruturados a partir do conhecimento de tais características, levando-se em consideração os anseios e as necessidades. (BRAGA, 2000)

Às crianças só interessa aquilo que tem significado para elas e normalmente, o que nós, professores, supomos ser do interesse delas, pode nada significar. (MATTOS & NEIRA, 1999 apud BRAGA, 2000)

Para isso, se faz importante um planejamento adequado para as turmas, sejam de qual faixa etária forem. A motivação, apoiada notavelmente através da ludicidade, pode ser o caminho de trabalhar de maneira mais eficiente com crianças, reforçando o argumento de Penha et al (2003) em que:

“é importante que a criança sinta que a prática de esportes pode ser algo divertido para ela e não representa simplesmente uma regra a ser cumprida; o fator lúdico deve estar presente para o público infantil, pois sem ele o resultado e até mesmo o rendimento não será o mesmo.”(p.33)

Identificar os principais fatores motivacionais nas aulas de capoeira é a proposta desta pesquisa, podendo proporcionar ao professor subsídios para um melhor planejamento no que diz respeito ao aspecto imprescindível motivação.

MOTIVAÇÃO: O MOTIVO DA AÇÃO

Neste tópico abordaremos diferentes definições para o tema motivação. À princípio, motivação (em termos dentro do campo da Educação Física) poderia ser abordada de uma maneira simples – todo o processo relacionado ao motivo que leva um indivíduo a praticar determinada ação intencional (não só referente ao ato motor, especificamente aplicado às capacidades físicas, motoras, psicomotoras etc., mas também referente à vontade de praticar uma determinada atividade, sua manutenção e suas desistências, por exemplo) até ao ato em si – ou seja, o estudo direcionado aos motivos de uma ação intencional.

Martins et al (2003) comentam que “quando falamos em pessoas e intervenções no mundo, estamos falando de ações. A área da psicologia interessada por esse tema é a motivação.” (p.17) Assim, motivação poderia consistir na apresentação a alguém de estímulos e incentivos que lhe favoreçam em determinado tipo de conduta. (PILETTI,1997 apud MARTINS et al, 2003)

Conforme Oliveira (1997) “o que impulsiona as pessoas a determinado comportamento é a busca de um resultado ou de um objetivo [...] É sempre busca de um futuro desejado.” (p.84)

De acordo com Samulski (2002), a motivação pode ser caracterizada como um processo ativo, intencional e dirigido a uma meta, o qual depende da interação de fatores pessoais (intrínsecos) e ambientais (extrínsecos). Segundo este modelo, a motivação apresenta uma determinante energética (nível de ativação) e uma determinante de direção do comportamento (intenções, interesses, motivos e metas).

Conforme Murray (1967) apud Mainenti (2002), “um motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa” (p.6). Por essa definição se percebe que para alguém fazer algo não basta ser estimulado externamente se no seu interior não achar importante a realização daquela tarefa. Os fatores externos são também importantes, pois podem interferir nos fatores internos e fazer com que a pessoa decida por agir de determinada forma. Esse

fator externo que gera motivação pode se chamado de incentivo. Isto justifica o estudo da motivação no esporte: quais os recursos que o profissional da área possui para auxiliar seus alunos/atletas a realizar tarefas propostas, em outras palavras, como incentivá-los (MAINENTI, 2002)

MOTIVAÇÃO E EDUCAÇÃO FÍSICA

A motivação é um dos fatores mais importantes para a manutenção e promoção de atividades físicas (no caso). Poderíamos considerar como “aspecto motivação” todo o processo de investidas do professor com o objetivo de despertar/manter a motivação de seus alunos. Contudo, lembramos que ninguém poderia obrigar um outro alguém a praticar uma ação, todos possuem opções de escolhas – o que está em questão é tornar as aulas atraentes, motivantes para aquele que a pratica. Por conseguinte, nada mais coerente fazer com que os profissionais em educação física conheçam, ou até dominem a questão motivacional aplicada à atividade física, cientes que há uma falta de publicações nesta área, na América Latina, em concílio com Becker Junior & Samulski (1998).

Então, como poderia ser este processo, como motivar? A resposta desta pergunta é um tanto complexa, já que o comportamento é influenciado pelas experiências passadas da pessoa, suas capacidades físicas e a situação ambiente em que se encontra. Esses três fatores agem na motivação, e conseqüentemente na produção da ação. Assim, podemos sugerir que, para motivar um grupo de pessoas seria interessante conhecer suas necessidades, desejos e objetivos, como também a faixa etária, classe social, meio onde vive, carências, ambições entre outros aspectos, ciente que a motivação procura saciar algo. (MAINENTI, 2002)

O profissional de Educação Física já faz esta tarefa parcialmente, devido ao papel sócio-cultural de um professor, colocado como o “guardião do conhecimento” – realçando ainda mais o cuidado que devemos ter diante de

nossas atitudes durante uma aula (e até extra-aula). (MARTINS & OLIVEIRA, 2003)

Penha et al (2003) reforçam que:

“a Educação Física tem no movimento sua principal ferramenta de trabalho para qualquer atuação. Dependendo do público alvo, ‘temperar-se’ este movimento com ingredientes como a performance, a qualidade de vida, a socialização, o desenvolvimento e a aprendizagem, a ludicidade,... São inúmeros os fatores que se pode adicionar ao movimento dependendo do objetivo”. (p.8)

O professor de capoeira, educador físico ou não, precisa necessariamente, se pretende planejar e executar uma boa aula (“dar tempero”), ser detentor destes conhecimentos e principalmente, saber como utilizá-los de forma eficaz. Conhecer que a motivação de seus alunos pode, profundamente, alterar seu desempenho (afetivo, cognitivo e motor, por exemplo), em que nível este for, se faz notadamente pertinente.

MOTIVAÇÃO E INFÂNCIA

Como o discurso da motivação está sendo aplicado às crianças, comentaremos brevemente alguns relatos relacionando os dois temas.

A motivação para aprender está intimamente relacionada com as necessidades do aluno, isto é, se ele não sentir que o objetivo da tarefa é importante, ele não se interessa. O interesse pode ser colocado como a relação de conveniência estabelecida entre uma necessidade e o objetivo capaz de satisfazer. (MIRANDA, 1994 apud SANTO & VELIZ, 2001)

Como já foi exposto, tentaremos ir ao encontro dos motivos das crianças para a prática da capoeira. A procura pela motivação deste grupo pode nos levar ao encontro da ludicidade. Para Xavier (1986) apud Santo & Veliz (2001):

“[...] durante o primeiro período de aprendizagem de uma destreza motora, a criança deve se divertir. Quanto mais motivado estiver (o aluno), mais tempo ele poderá mobilizar a sua tensão e fornecer os esforços necessários para a aprendizagem motora” (p.20).

Além disso, podemos identificar também, algumas necessidades que uma atividade física poderia suprir, como comenta Lobo (1973) apud Mainenti (2002), temos:

“a necessidade do movimento em si, [...] de estar em contato com diversas sensações, [...] de se sentir apreciado, de distinguir-se, [...] de sentir prazer, [...] de auto-afirmação, [...] de alcançar e manter saúde, [...] de combatividade, [...] de tornar-se mais ágil, mais forte, mais bonito, dentre outros”. (p.11)

Observamos a presença e a viabilidade de satisfação destes aspectos no contexto da capoeira.

Contudo, ao falar sobre a infância, é necessário compreender que as crianças formam juntas uma população; e observando as crianças como população percebe-se a presença de padrões de comportamentos, conhecimentos e todos os fatores que compõe o conceito de cultura, respeitando-se as equivalências. (PENHA et al, 2003). Dentre estes dados a serem conhecidos, a ludicidade (já comentada posteriormente) é um componente crucial num trabalho que pretende ser bem executado com crianças, argumento reforçado por Mello (2000):

“os estudos no âmbito da psicologia e desenvolvimento mostram que a ludicidade é a essência da vida infantil. Através dos seus jogos e brincadeiras as crianças dão início e formam a base da inteligência (Piaget, 1959, 1978, 1990), da afetividade e das relações sociais (Vygotsky, 1994, 1998; Leontiev, 1998; Wallon, 1979, 1986) e de sua motricidade (Mello, 1996, 1998) (p.146)

Algumas pesquisas, como as de Gould & Petlichkoff (1988); Weiss & Chaumeton (1992); Weiss & Petlichkoff (1989), citadas por Weiss (2003) sobre participação e motivação nos mostram porque as crianças e adolescentes

participam das atividades esportivas, apoiando outras questões motivacionais, não só a lúdica...

“Muitos motivos comuns para a participação nestas atividades foram conhecidos através dos números levantados nos estudos realizados, incluindo: competência (aprendizagem de novas habilidades); relacionamento (estar com e fazer amigos); identificação com o grupo (fazer parte de um grupo; espírito de equipe); saúde e aptidão (ficar e manter a forma física); competição (demonstração das habilidades adquiridas, emoção); prazer e alegria [...] Não há muito consenso sobre os motivos pelos quais as crianças interrompem a prática esportiva.”

Constataremos em algumas respostas das crianças, estes apontamentos relacionados neste tópico. Contudo, lembramos que cada indivíduo é único, portanto seus motivos também. Devemos compreender que uma atividade pode ser motivante para uns, enquanto que para outros não. Referente a isso, o papel do professor se faz extremamente apreciado. A partir dessa observação, chega-se ao término de que, nem tudo que motiva uma criança motivará outra. “A existência de um motivo relaciona-se com os objetivos que uma pessoa escolhe” (MURRAY, 1967 apud MAINENTI, 2002), sendo assim diferentes, essas crianças têm também objetivos e formas de serem motivadas diferentes (MAINENTI, 2002)

A flexibilidade do planejamento, principalmente no que diz respeito à motivação, deve levar em conta a diversidade das crianças com que o professor irá trabalhar, tentando facilitar sua postura e intervenções em aula.

Com relação à motivação e a capoeira, não tivemos acesso a estudos significativos com relação ao tema da pesquisa.

Sobre a faixa etária:

Assim, podemos relacionar todos os possíveis motivos para a prática da capoeira com as necessidades da faixa etária. Ferreira & Santos (2004) comentam que “após diversos anos aprendendo a se movimentar, a pensar, a sentir e a se relacionar, a criança passa a um estado onde não é mais centro de todas as coisas e sim, um organismo relacionado com os outros”. (p.10)

Citando Weineck (1999) apud Mainenti (2002),

“dos 6 aos 10 anos a criança tem um gosto enorme pela movimentação. O equilíbrio psicológico vai crescendo durante os anos, é otimista e aprende rapidamente as aptidões ensinadas” [...] Essa fase é excelente para o aprendizado, pois as crianças possuem boa condição física, melhor coordenação [...]” (p.14).

Visto isto, a capoeira pode assistir muito bem nestes termos. Um comentário bastante interessante, ainda Mainenti (2002), referente às mais velhas (8 a 10 anos) desta faixa etária, é que a criança “não gosta de falhar, porém aceita que lhe seja pedido dar o máximo de si e gosta de ser recompensada [...], prefere executar tarefas que ela deseja [...] e tem interesse pela técnica e perícia de execução”. (p.15)

Mais adiante poderemos constatar também algumas destas observações, através da coleta de dados realizada.

METODOLOGIA:

SOBRE A COLETA DE DADOS

Foi realizada uma revisão de literatura aliada a uma coleta de dados. Esta se deu através de entrevistas com crianças de 6 a 10 anos de idade, seguindo um protocolo de perguntas. Este método foi escolhido com a finalidade de proporcionar a identificação de variações nas respostas, de forma mais ampla. O argumento de Lüdorf (2004) pode reforçar este, na qual a entrevista é normalmente utilizada quando se deseja levantar sentimentos, emoções, percepções, motivações ou opiniões dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

SOBRE AS ENTREVISTAS

O período de entrevistas para a conclusão desta parte inicial da pesquisa foi de julho a outubro de 2004. Foram analisadas nessa fase, três localidades.

Duas situações foram bem definidas: a primeira, na qual a aula era ministrada por um profissional de educação física (e capoeirista); a segunda, na qual a aula era ministrada por professores (ou mestres) de capoeira.

O entrevistador precisava ter neutralidade, ou seja, não ser o principal ministro das aulas. Assim, na primeira situação houve certa facilidade pela presença e colaboração de estagiários (alunos de graduação em educação física), e de outros professores – estes supervisionados pelos principais professores (responsáveis pelo desenvolvimento das aulas), como também de pessoas sem ligação íntima com a turma ou a instituição. Esta manobra teve como objetivo minimizar algum tipo de indução possível no decorrer das entrevistas (minimizando a presença do “professor” ao responder as perguntas). No entanto, reconhecemos também que, em pequena parte, houve certa despadronização na abordagem pelos entrevistadores. Isto pode ter levado a algumas consequências, que a princípio podem ter colaborado no aspecto diversidade nas respostas.

SOBRE O PÚBLICO-ALVO

As crianças foram chamadas para as entrevistas durante as suas aulas. Houve colaboração das crianças. Recolhemos respostas de 28 crianças de 3 localidades:

9 da Taquara - Jacarepaguá

7 da Ilha do Fundão

12 da Tijuca - Rio Comprido

obs.: para a segunda parte da pesquisa, somaremos as respostas das crianças das localidades seguintes: Ilha do Governador e do Maracanã

A escolha pelos locais foi a facilidade de acesso às crianças, aplicabilidade das entrevistas e colaboração dos responsáveis pelas turmas (tanto os professores, quanto as instituições envolvidas).

RESULTADOS (TABELAS E GRÁFICOS em anexo)

P1: por que você faz capoeira?

P2: o que você mais gosta na capoeira?

P3: qual parte da aula você mais gosta? Por quê?

P4: qual parte da aula você menos gosta? Por quê?

P5: você gosta do professor? Por quê?

SOBRE AS METODOLOGIAS EMPREGADAS (COMENTÁRIOS DOS PROFESSORES)

Os professores comentaram sobre suas metodologias e sobre o aspecto motivação. Não foram feitas observações acerca da realidade das aulas pelos entrevistadores (observação das aulas) – somente o que foi relatado pelos professores atuantes foi considerado para estas reflexões.

Assim, foram relatados alguns aspectos motivacionais e metodológicos interferentes nas aulas:

1. *consciência do poder educacional da capoeira* – “a capoeira propicia-nos várias possibilidades (pedagógicas) de desenvolver uma aula, ou seja, você pode criar e a criança também, o aspecto lúdico, histórico, a relação com nossa sociedade, a ética, valores etc”;
2. *satisfação na evolução técnica do aluno* – “pode ser reflexo de meu trabalho”;
3. *aspecto financeiro* – tema complicado, pois muitas vezes, sendo um profissional de educação física ou não, o professor de capoeira é incompativelmente remunerado;
4. *condições de trabalho, tanto em instituições particulares, como privadas* – “às vezes te pagam o suficiente, porém não te dão um espaço adequado para a prática, não te arranjam instrumento ou material para oficinas, não incentivam eventos externos (passeios, visitas às rodas...)” ou “só depois de dez anos lecionando as aulas, eles me ‘deram’ vários instrumentos”
5. *obrigatoriedade* – apesar de não ser computado nas respostas dadas pelos alunos, um professor relatou que há obrigatoriedade para a prática: há “alunos que não se identificam com a atividade e são forçados a praticá-la”.

Existem vários fatores que facilitam/dificultam uma possível proposta dos professores. Contudo podemos ressaltar que as metodologias empregadas nessas

turmas de capoeira infantil são convergentes com os motivos que levam as crianças à prática da capoeira.

Algumas aulas poderíamos classificar como mais fechadas (mais “diretivas”) e mais abertas (mais “não-diretivas”). Estes tipos de conduções das aulas não pareceram influenciar na motivação dos frequentadores. As mais fechadas tinham ações mais definidas (mais claras), como brincadeiras com o objetivo aquecimento, treino de flexibilidade em seguida, parte técnica com movimentos da capoeira e finalizando com uma roda. Em algumas destas aulas, os professores visavam uma técnica bem executada, outras não. Já as mais abertas, os professores não se preocupavam na técnica em si, mas numa maior vivência da capoeira, com estímulos para criatividade e para arte.

De qualquer forma, os professores de Educação Física que ministravam aulas de capoeira tinham perspectivas e convicções a respeito da utilização da capoeira num processo pedagógico, e estavam cientes da motivação advinda da cultura desta arte, sendo facilmente administrada e incentivada. Também foi verificada a atenção dada ao autoconhecimento através das práticas físicas, principalmente, como da mesma forma que os alunos eram estimulados a identificar suas potencialidades e seus limites.

DISCUSSÃO

.a respeito das respostas

Sobre P1:

Desta pergunta obtivemos respostas, em maior parte, parecidas. As respostas com maior frequência identificam o prazer das crianças em praticar a capoeira. Nota-se que não houve comentários sobre obrigatoriedade, podendo reforçar este argumento. Já as respostas obtidas na segunda categoria, demonstram a necessidade, e/ou a vontade de aprender – especificamente os conteúdos desenvolvidos em suas aulas, de um modo ou de outro, capoeira. Já em “Outras” tivemos comentários interessantes como “é um esporte educativo” e “por falta de opção” (este devido à limitações a outros tipos de prática esportiva). Esses comentários são bem curiosos, provocando interrogações futuras a respeito do contexto social e cultural dessas crianças. As mais citadas podem estar intimamente vinculadas umas às outras, como: gosto porque aprendo, ou aprendo porque gosto, por exemplo.

Sobre P2:

As três categorias de maior frequência se confundem sem dúvida: podemos ter roda sem ginga? (na condição de espectador ou de músico, sim – contudo sabemos que o alto da roda, para a maioria das crianças é jogar nela, é quando ela pode mostrar pra si mesma que pode realizar tudo que conhece). Ou roda sem movimentos? Podemos fazer tudo isto sem treinar? De qualquer forma, podemos constatar que o conteúdo da capoeira em si é riquíssimo, e pode proporcionar diversas experiências, e diversos momentos que podem despertar/desenvolver vários aspectos do desenvolvimento das crianças. Uma observação interessante, é referente às brincadeiras, que não foram destaque dentro destas respostas. Em “Outras”, novamente temos comentários curiosos como: o samba-de-roda (uma “apropriação” feita pela capoeira, em outras palavras, não é capoeira – mas um

momento bastante peculiar, se devidamente conduzido); os instrumentos; e a cultura da capoeira.

Sobre P3:

As respostas foram bem parecidas com as da questão anterior, mesmo os participantes entendendo perfeitamente uma distinção entre elas. Verificamos assim que: tanto a parte do desenvolvimento dos conteúdos (treino=aula), tanto o momento da roda, têm importância significativa para as crianças. As brincadeiras têm uma parcela menor, porém também significativa. Portanto, neste tópico podemos identificar partes bem definidas das aulas – o treino (aula), a roda e as brincadeiras. Alguns comentários de quem respondeu “roda”: “pra aprender”, “pra demonstrar”, “posso fazer o que quiser”, confraternização; de quem respondeu movimentos/treino: “pra não se machucar” (sobre o alongamento), e também “pra aprender”

Sobre P4:

Houve um parcelamento quase equivalente entre as respostas dadas a esta pergunta. “Nenhuma” parte da aula pode significar que os professores e seus alunos estão interessados no processo de aprendizado. O “final” da aula foi caracterizado como parte dela, e lhe é dado um certo desgosto. As “implicâncias dos colegas” são relatadas e atribuídas de importância. Temos o treino como parte “cansativa” e às vezes dolorosa (como é o caso citado do alongamento) contrastando com as respostas da questão anterior. Em “Outras” temos as “brigas”, as “brincadeiras” (“porque sobra pra todo mundo”), a violência (“quando me batem” eventualmente), a frustração em não realizar os movimentos, as brincadeiras (“gosto de ir direto ao assunto” e “gasta muito tempo” – leia-se desperdício de treino), e às vezes não gosta de treinar porque gosta “mais da roda”...

Entre as respostas dadas em P3 e P4 temos alguns paradoxos: enquanto alguém comentava que gostava, por exemplo, do alongamento – um outro reclamava deste mesmo item.

Sobre P5:

“Sim”, todos gostam dos professores, cada um com um porquê diferente, mas todos classificando-o como um “bom professor” (“ensina bem”, “é legal”, “animado”, “brincalhão”, “bem-humorado” etc). Comentários mais específicos: “porque é uma segunda mãe”, “porque é boa”, “porque joga comigo”... novamente se faz necessário contextualizar a vida dessas crianças, para sabermos realmente os motivos dessas respostas.

DISCUSSÃO

.a respeito dos objetivos desta pesquisa:

.Identificação dos motivos que levam as crianças à prática da capoeira

O maior atrativo que leva a criança a praticar a capoeira é a sua própria peculiaridade. A capoeira permite possibilidades imensas de utilização de sua cultura, como também adaptações executadas pelo professor, objetivando uma melhoria de sua intervenção pedagógica. Sem precisar especificar ainda alguns aspectos clássicos em educação física, como a motricidade, a afetividade e a cognição, e lembrando de seu potencial inter e transdisciplinar, quando bem aproveitado, por exemplo em escolas.

Assim, podemos apontar nesta pesquisa o treino (desenvolvimento dos conteúdos programados – distinção entre treino e aula feita pelos alunos, na qual aula seria o “todo” e teria como uma parte, o treino) e a roda, como os aspectos mais importantes na capoeira, segundo as crianças. As brincadeiras têm importância secundária – contudo, podemos correlacionar estes aspectos, o treino

e a roda, comparando-os ao brincar, tomando-os como brincadeiras “mascaradas” (nas quais a criança não compreenderia essas facetas da aula, portanto diferenciando-as extremamente).

O professor tem um papel importantíssimo em todo o processo. Isto foi apenas confirmado. Ser um “bom” professor se faz necessário, tanto no aspecto didático, como no aspecto afetivo.

. influência do aspecto motivação no planejamento

Certamente, “cabe ao professor imergir nesse universo (infantil) e identificar as motivações e as tendências da criança” (p.46), como é dito por Braga (2000). Cabe ao professor mediar as novas situações criadas e recriadas pelos alunos para poder proporcionar a todos um maior número possível de atividades, paralelamente ao processo de manutenção da motivação. O professor deve estar ciente de que está participando da formação da personalidade de seus alunos, principalmente quando estes forem crianças – assim sendo é de grande valia saber ouvi-los, não podar seus impulsos, evitando reprimir suas expressões e seus sentimentos... tudo deve ser aproveitado e valorizado pelo professor.

As fases de aprendizado devem ser conhecidas, ou porque não dominadas, pelos professores – com o intuito de uma ótima intervenção pedagógica. Isto será traduzido como o “imprescindível saber o que interessa a elas em determinada faixa etária e o que motoramente elas são capazes de realizar, para que o estímulo seja prazeroso para elas” (p.14), citando Mainenti (2002). Assim, a possibilidade de propor atividades no “tempo certo” e ajustar a metodologia empregada, se torna maior.

Observamos também que não só foi relatada a motivação dos alunos, como o foco também foi colocado em relação aos próprios professores. Este “ciclo” de motivação – entre professores e alunos – é o que realmente irá afetar possíveis planos de intervenção pedagógica. A probabilidade de não haver uma aula bem

estruturada na prática é muito maior quando os alunos não estão interessados e o professor está, e vice-versa, quando o professor está interessado e os alunos não estão: como toda relação, é preciso que ocorra troca... para que haja uma “boa” aula, precisamos de “bons” professores e de “bons” alunos, ou seja, convergência de objetivos. Muitas vezes, equivocadamente, os professores apresentam conteúdos que não interessam (ou que não poderiam interessar) ao seu público, no caso, infantil, acarretando um desinteresse diante da aula. Felizmente, temos encontrado professores preocupados com os motivos que levam seus capoeiristas à aula. Vide os comentários nas respostas, que atendem na maioria das vezes à satisfação de seus motivos e suas necessidades (necessidades da faixa etária).

AGRADECIMENTOS

Aqui venho agradecer a todos aqueles que colaboraram com esta pesquisa, e permitiram que ela se concretizasse:

Aos amigos professores capoeiristas

Oberlan "Carcará"

Daniel "Paçoca"

Vítor "Cambaxirra"

Andréa Saint-Clair

Algemiro "Calango"

&

aos pequenos capoeiristas que participaram da pesquisa!

BIBLIOGRAFIA

BECKER JUNIOR, Benno & SAMULSKI, Dietmar. *Manual de treinamento psicológico para o esporte*. Brasil: Feevale, 1998.

BRAGA, Luciana Carvalhal. *Jogos infantis como procedimento pedagógico para o ensino da capoeira de 3 a 6 anos*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2000

PENHA, Norma Maria da; D'ELIA, Bianca Souza & ASSIS, Marco Aurélio Barciela de. *A importância das atividades lúdicas no processo de aprendizagem de crianças de dois a seis anos*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2003

FERREIRA, Carina Trotta & SANTOS, Luciana Costa da Silva. *A contribuição dos jogos e brincadeiras no desenvolvimento da criança*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2004

FREITAS, Jorge Luiz de. *Capoeira infantil: a arte de brincar com o próprio corpo*. Curitiba: Expoente, 1997.

GOUVÊA, Fernando César. *Motivação e Prática da Educação Física*
Disponível em <http://geocities.yahoo.com.br/norbasjr/motivacao.htm>
Acessado em: 30 set 2004

LÜDORF, Sílvia M. Agatti. *Metodologia da pesquisa: do projeto à monografia*. Rio de Janeiro: Shape, 2004.

MAINENTI, Miriam Raquel Meira. *Motivação e treinamento de natação para crianças de 8 a 12 anos: uma abordagem psicológica, fisiológica e motora*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2002

MARTINS, Bruno Rodolfo. *A estrutura da metodologia empregada nas aulas de capoeira do Programa de Iniciação Esportiva do Maracanã/ PID-Maracanã, desenvolvida nas turmas do turno da manhã, no período entre setembro e dezembro de 2002*. Trabalho apresentado e com resumo publicado nos anais do I Simpósio em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos - UFRJ: Rio de Janeiro, 2003.

MARTINS, Bruno Rodolfo. *A influência da motivação na superação de obstáculos mentais nas atividades físicas*. Projeto de Monografia do curso de graduação em Educação Física - UFRJ: Rio de Janeiro, 2002.

MARTINS, Bruno Rodolfo, OLIVEIRA, Carlile de & PIENARO, Gheankarlo Melo. *Crença: fator motivacional – contribuições para a Educação Física*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2003

MELLO, Alexandre M. *Jogos e brincadeiras como estratégias de ensino na iniciação esportiva*. 1º Congresso Latino-americano FIEP-UNIMEP (anais) Piracicaba: UNIMEP, 2000, p.146-149

OLIVEIRA, Carlile de & MENDES, Fabiano. *Motivação para a atividade física*. Projeto de Monografia do curso de graduação em Educação Física - UFRJ: Rio de Janeiro, 2003.

OLIVEIRA, Milton de. *Energia Emocional*. São Paulo: Makron Books, 1997.

PAIM, Cristina. *Motivos que levam adolescentes a praticar o futebol*. Revista Virtual EFArtigos, Natal, v. 1, n. 7, ago. 2003.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. 21ª ed.. São Paulo: Ática, 1997.

SAMULSKI, Dietmar. *Psicologia do esporte*. São Paulo: Manole, 2002.

SANTO, Bruno Lima do Espírito & VELIZ, Júlio César Veliz. *Introdução do desporto e importância dos jogos, para as crianças, respeitando as etapas de crescimento*. Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de graduação em Educação Física – UFRJ: Rio de Janeiro, 2001

WEISS, Maureen R. *Crianças no esporte: um modelo educacional*. "Sport Psychology Interventions" (traduzido com fins didáticos por Flávia C. P. e Santos, em fevereiro de 1997)

Disponível em http://www.virtual.unilestemg.br/Flavia/criancas_no_esporte.htm.

Acessado em: 30 set 2004

ANEXO

TAQUARA/CAMBAXIRRA

	P1	P2	P3	P4	P5
ALUNOS/RESPOSTAS					
JULIO CESAR#7	GOSTO	RODA	AQUECIMENTO. NÃO SE MACHUCAR	O FINAL. PQ ACABA	SIM. É LEGAL
JESSICA#10	ESPORTE EDUCATIVO	SAMBA-DE-RODA	EXERCICIOS. PQ APRENDE MAIS	BRIGA. CAPOEIRA NÃO É VIOLENCIA	SIM. PQ O CONHECO HA MUITO TEMPO
RODRIGO#10	LEGAL	MOVIMENTOS	BRINCADEIRAS (PIQUE-CAPOEIRA)	AJUDAR QUEM NÃO QUER OBEDEGER	SIM. É LEGAL
TAINÁ#8	GOSTO	RODA	BRINCADEIRAS (DOMINGO SEI LA)	QDO IMPLICAM COM QUEM QUER APRENDER	SIM. É BRINCALHÃO
LUIZA#8	PQ APRENDE COISAS BOAS	MOVIMENTOS	BRINCADEIRAS (PIQUE-CAPOEIRA). PQ É DIVERTIDO	QDO OS MENINOS IMPLICAM. PQ É CHATO	SIM. É BRINCALHÃO
JOAN#9	GOSTO	EXERCICIOS	RODA. PQ É LEGAL	ALONGAMENTO. CANSA E MACHUCA	ADORA. PQ ENSINA MUITO BEM
DIANA#9	GOSTO	RODA	BRINCADEIRAS (PIQUE-CAPOEIRA). SE BRINCA JUNTO	FINAL. PQ ACABA	SIM. É LEGAL
---	ACHO INTERESSANTE	EXERCICIOS	RODA. É LEGAL	QDO ATRAPALHAM. É CHATO	SIM. É ANIMADO E LEGAL
---	MUITO LEGAL	EXERCICIOS	RODA. PQ APRENDO	QONDO SE BRICA. PQ OS MENINOS SÃO CHATOS	SIM.

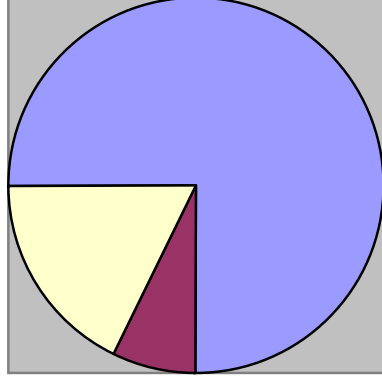
TIJUCA/CARCARÁ

ALUNOS/RESPOSTAS	P1	P2	P3	P4	P5
RAFAEL#10	LIMITES DE OPÇÕES DE ESPORTES. CUIDADO	CULTURA DA CAPOEIRA	APRENDE GOLPES LEGAIS. DIVERSÃO	NENHUMA	SIM. BOM HUMOR. BOM PROF.
LETICIA#10	GOSTO. EXERCICIO FISICO	RODA	GINGA EM DUPLA. ENTROSAMENTO	ALONGAMENTO (FORCAR A PERNA). DOR	SIM: MUITO LEGAL. ENSINA MONTE DE COISAS
AMANDA#10	É LEGAL	AÚ	RODA. FAZER O Q QUISER	NENHUMA	SIM. MUITO LEGAL. BOM PROF.
GABRIEL#10	GOSTO MUITO	RODA. "AMO!"	RODA. CONFRATERNIZAÇÃO	AQUECIMENTO. PO É FACIL	SIM. É PACIENTE, ENGRAÇADO'
ANA CAROLINA#10	EXPERIMENTAÇÃO	CONTEÚDO NOVO	RODA (DE COMPRA). CHANCE DE JOGAR COM TODOS	MUITA GINGA. CANSAÇÃO	SIM. MOSTRA O QTO EU MUDA COM A CAPOEIRA
CARLA#9	DIVERTIDO. BRINCA FAZENDO EXERCICIO	BRINCADEIRAS COM EXERCICIOS	TUDO. EXERCICIOS .COISAS NOVAS. TREINOS	FINAL. QUER DAR CONTI NUIDADE	"ADORO". LEGAL, DIVERTIDO. DEIXA A CAPOEIRA MELHOR AINDA
LEONARDO#9	GOSTO. É LEGAL	GOLPES	RODA. SUA DINÂMICA	QUID NÃO CONSEGUE FAZER OS GOLPES	SIM. ENSINA PRA TODOS
MAIARA#9	ESPORTE QUE GOSTA	BRINCADEIRAS	BRINCADEIRAS.É LEGAL	NENHUMA	SIM. É LEGAL
VERONICA#9	GOSTO. ESPORTE PREFERIDO	TUDO	RODA. APLICAÇÃO DE TUDO	NENHUMA	SIM. MUITO LEGAL E BOM. BOM PROF.
DEBORA#10	GOSTO	RODA E BRINCADEIRAS	ALONGAM (TREINO) APROVEITAMENTO MELHOR	BRONCA. FICA MUITO BRAVO. SOBRA PRA TODOS	SIM. LEGAL
WILLIAN#9	GOSTO. AUTO-DEFESA	RODA	GOLPES NOVOS. APRENDER	APOIO NA BARRA. MACHUCA	SIM. É LEGAL. BOM PROF
GUILHERME#9	GOSTO	TREINAR	TREINAR. PRÁTICA	NENHUMA	SIM. É LEGAL COMIGO

ILHA DO FUNDÃO/ANDREA

ALUNOS/RESPOSTAS	P1	P2	P3	P4	P5
ROBERTA#7	MUITO BOM	JOGAR	TOCAR INSTRUMENTOS. É LEGAL	FIM. QUERO MAIS	SIM. ENSINA. 2ªMAE
ROBERT#7	GOSTO	JOGO E INSTRUMENTOS	RODA. É LEGAL	FIM. QUERO MAIS	SIM.ENSINA.AJUDA A GENTE
JESSICA#10	GOSTO	RODA	COISAS NOVAS. PQ GOSTO	GINGA CONTINUA. CANSAÇO	SIM.ELA É BOA
MARCOS#8	GOSTO.MUITO BOA PRA MIM	JOGAR	RODA. JOGAR COM OS OUTROS	"TREINAR".PQ GOSTA MAIS DA RODA	SIM.MUITO LEGAL. ORGANIZA TODOS
MATEUS#8	MUITO BOM. NÃO ACERTA OS OUTROS	JOGO E APRENDER MAIS	JOGAR. ALEGRIA. MAIS TEMPO PRA JOGAR	BRINCADEIRAS. "QUER IR DIRETO AO ASSUNTO"	SIM. ENSINA. BOA PROF
GABRIEL#8	APRENDO	JOGAR	TREINO. PQ É BOM	NENHUMA	SIM. ENSINA
ALEX#7	GOSTO	DAR GOLPES	MOVIMENTAÇÃO. É LEGAL	ODO BATEM EM MIM. MACHUCA	SIM. JOGA COMIGO

SOBRE P1
PORQUE VOCÊ FAZ CAPOEIRA?



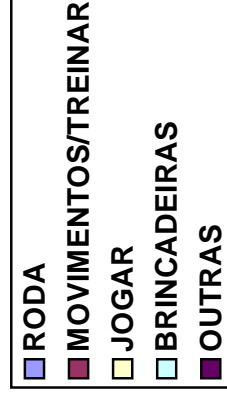
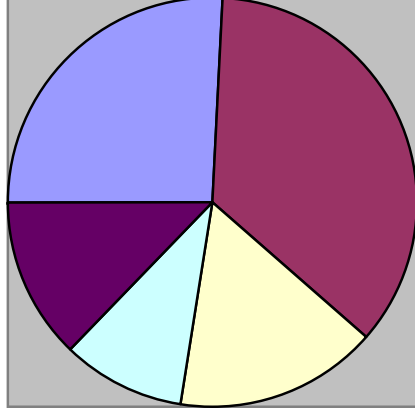
A MAIOR PARTE DAS RESPOSTAS FORAM "PORQUE GOSTO" E "PORQUE É LEGAL". RESOLVEMOS APROXIMAR ESSAS DUAS RESPOSTAS POR AS CONSIDERARMOS DENTRO DE UMA ASPECTO PERCEPÇÃO, UMA COLOCAÇÃO PESSOAL, UMA OPÇÃO, UMA SATISFAÇÃO EM FAZÊ-LA. NÃO TESTEMUNHAMOS OBRIGATORIEDADE EM PRATICAR A ATIVIDADE.

A SEGUNDA MAIS RESPONDIDA ERA REFERENTE AO APRENDIZADO. AS CRIANÇAS FAZIAM PORQUE APRENDIAM "COISAS BOAS".

A CATEGORIA CLASSIFICADA COMO "OUTRAS" (DEVIDO À POUCA FREQUÊNCIA) ENGLOBOU AS SEGUINTE RESPOSTAS:

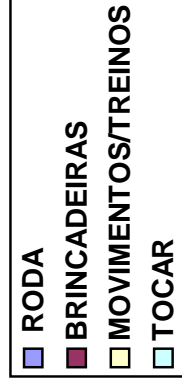
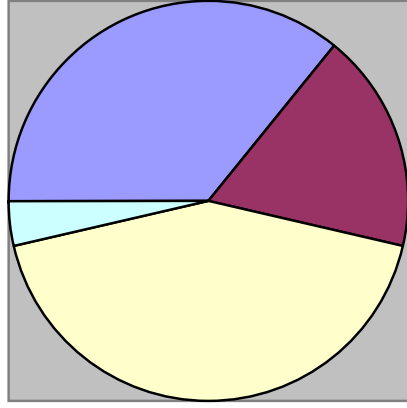
UM ESPORTE EDUCATIVO, É INTERESSANTE, FALTA DE OPÇÃO (RESTRIÇÃO À PRÁTICA DE OUTRAS ATIVIDADES), EXPERIMENTAÇÃO, É DIVERTIDO.

SOBRE P2
O QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA CAPOEIRA?



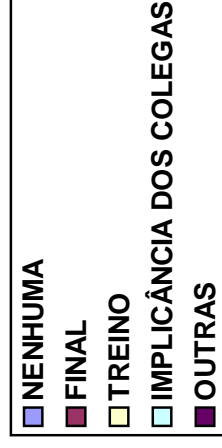
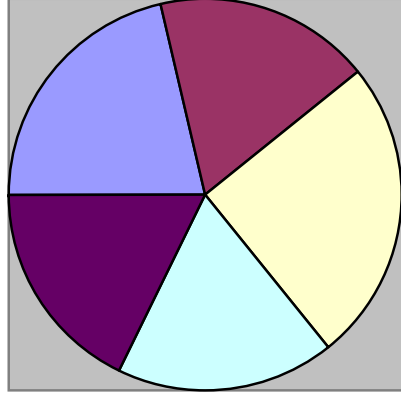
AS RESPOSTAS QUE CONSTITUÍRAM A CATEGORIA MOVIMENTOS/TREINAR, FORAM: FAZER EXERCÍCIOS, OS MOVIMENTOS, O AÚ, CONTEÚDOS NOVOS, APRENDER MAIS, DOS GOLPES, TREINAR. A RODA VEM EM SEGUNDO LUGAR. "JOGAR" DEIXAMOS SEPARADOS POR ENTENDERMOS QUE É UMA DIMENSÃO COMUM DE "RODA" E DE "TREINAR". POR PARECER ESSENCIAL AOS DOIS GRUPOS DE RESPOSTAS, PODERÍAMOS INCLUI-LO EM UM OU OUTRO. AS BRINCADEIRAS NÃO SE APRESENTAM COMO DESTAQUE NUM ÂMBITO GERAL DA CAPOEIRA. EM "OUTRAS" INCLUÍMOS: SAMBA-DA-RODA, CULTURA, INSTRUMENTOS E "TUDO"

SOBRE P3
QUAL A PARTE DA AULA VOCÊ MAIS GOSTA? POR QUÊ?



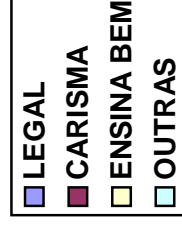
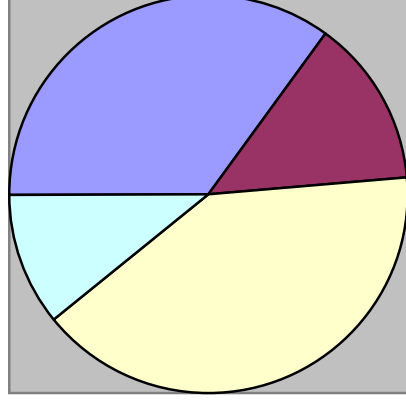
O QUADRO SE REVELA PARECIDO COM O ANTERIOR. MOVIMENTOS/TREINOS CONSTITUI-SE DAS SEGUINTE
RESPOSTAS:
AQUECIMENTOS, EXERCÍCIOS, GOLPES, GINGA, ALONGAMENTOS, TREINOS, CONTEÚDOS NOVOS, JOGAR,
MOVIMENTOS
A RODA EM SEGUNDO LUGAR, AS BRINCADEIRAS EM TERCEIRO, SEGUIDA PELA OPÇÃO TOCAR (INSTRUMENTOS).

SOBRE P4
QUAL PARTE DA AULA VOCÊ MENOS GOSTA? POR QUÊ?



COM PRATICAMENTE A MESMA IMPORTÂNCIA, TEMOS:
NENHUMA PARTE DA AULA;
O FINAL DA AULA;
AS IMPLICÂNCIAS DOS COLEGAS;
O TREINO (ALONGAMENTO, AQUECIMENTO, TREINAR, MUITA GINGA) E;
OUTROS (BRIGA, "BRONCA", BRINCADEIRAS, VIOLÊNCIA E A NÃO REALIZAÇÃO DOS GOLPES)

SOBRE P5
VOCÊ GOSTA DO PROFESSOR? POR QUÊ?



A RESPOSTA UNÂNINME FOI "SIM", "GOSTO", "ADORO"... ASSIM FIZEMOS O QUADRO JÁ COM AS JUSTIFICATIVAS DAS RESPOSTAS:

"ENSINA BEM" (E "BOM PROFESSOR") FOI A MAIS RESPONDIDA;

SER "LEGAL" É BASTANTE IMPORTANTE;

EM "CARISMA" ESTÃO AS RESPOSTAS: ANIMADO, BRINCALHÃO, DIVERTIDO, BEM-HUMORADO

EM "OUTRAS": PORQUE O CONHEÇO, É UMA SEGUNDA MÃE, É BOA E JOGA COMIGO